

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

AGOSTINHO F. ROCHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—**RUA ELIAS GARCIA, 46**— Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—**Rua Elias Garcia, 45**— GUIMARÃES

ÚLTIMA RESPOSTA

Ao terminar a leitura do último período *daquillo*, que o sr. doutor Florêncio Lobo mandou escrever no n.º 296 da «Alvorada», fiquei com a viva impressão de que, para S. Ex.ª, a verdade é coisa que não existe.

O sr. doutor diz-se correcto, e foi quem primeiro amaranhou a minha competência profissional.

O sr. doutor julga-se regularmente educado e acusa-me de lhe chamar nomes feios, e foi S. Ex.ª quem primeiro me chamou *atrevido, réis e mau*.

O sr. doutor diz que uso uma linguagem aprendida em lugares, que sinto até nojo e repugnância em citar, e é S. Ex.ª que, em artigos publicados no seu jornal, emprega termos desta natureza: *escória, malta, intolerância bruta e estúpida, traficantes, feras, incompetência atrevida, autênticos vampiros, bandalheira, rafeiros e um raio os parta!!*

¿ Onde é que está a verdade, sr. doutor?

O público que julgue.

V. Ex.ª, sem o sentir, é que vai empregando a tal linguagem das vielas, que mais facilmente pode aprender do que eu, porque mora junto desses sítios. E que isso é verdade, aí estão os factos para o comprovar.

V. Ex.ª que devia declarar no seu jornal, como era de esperar, quais os actos da minha vida profissional, em que manifestei falta de competência, não o fez e quiz continuar a ferir-me, traiçoeiramente, passando do campo profissional, para o campo moral.

Pois digo-lhe, sr. doutor, que não será mais feliz no novo combate que escolheu. Para os actos da minha vida moral, não necessito ainda de manta de trapo para os encobrir. Tenho a plena consciência do cumprimento dos meus deveres e isso dá-me a força moral precisa para repelir toda e qualquer afronta, quer ela venha dum mísero carrejão, quer dum homem formado em letras. E, pela mesma razão que desafiei V. Ex.ª a citar os actos da minha vida profissional, em que prevariiquei, também o desafio a provar quais os actos da minha vida moral, que sejam dignos de censura.

Se por más companhias V. Ex.ª compreende os republicanos que acompanho e que ontem V. Ex.ª acompanhou e teve por amigos também, digo-lhe que disso me honro e com isso demonstro a minha firmeza de caracter.

Eu estou onde estive sempre, desde que entrei no pleno gozo dos meus direitos políticos, e V. Ex.ª tem corrido as sete partidas do mundo político e caminha ainda,

como o judeu errante, sem saber onde irá parar.

Quanto à arguição de que não compreendo o que leio, permita V. Ex.ª que lhe devolva o qualificativo, porque V. Ex.ª é que parece que não percebeu nada do que escrevi na minha primeira resposta, principalmente, quando se refere aos ministros da instrução. Eu abri excepções no bacharelato. Não confunda, pois, o sr. doutor as coisas. Leia bem o que lá está. A minha afirmação de que a reforma da instrução não foi obra de bachareis fica sempre de pé. Aos srs. ministros não temos mais que louvar senão o critério que tiveram em chamar homens entendidos no assunto. E para ter esse critério é que eles, ministros, não precisavam de ser bachareis, ouviu, sr. doutor?

A pessoa que priva de perto comigo e lhe contou coisas lindas a respeito de bachareis, apareceu-lhe talvez em sonhos, quando V. Ex.ª procurava uma resposta para me dar. Não passa pois duma figura imaginária.

Eu tive o cuidado de ler e reler a réplica de V. Ex.ª, já que assim me recomendou e, por sinal, dei com dois gatos dignos de duas palmatoadas, que não perdoo a V. Ex.ª, ainda que, para isso, incorra num processo disciplinar, visto a palmatória estar banida das escolas.

Ei-los: «... porque não agrava quem quere» e «Fiquemos sem saber o que...»

V. Ex.ª vai analisar este português, enquanto eu, de palmatória em punho, espero para fazermos contas.

Almeida Guimarães.

P. S.—Devido ao muito serviço oficial que tenho tido durante estas últimas semanas, não pude responder mais cedo ao sr. doutor Florêncio Lobo, pelo que S. Ex.ª me desculpará.

A. G.

Ridendo...

O Gil Vicente desmentindo o parentético apelativo que a si próprio se dá, trazia noutro dia, a propósito das festas da paz, um aranzel tão mal humorado quanto pouco literário, em que misturando-se, na frase vulgar, alhos com bogalhos, se propunham várias teses com a inconsistência de pássaro que salta de ramo em ramo à procura do fruto saboroso que o satisfaça e lhe provoque um alacre chilreio, pleno de vida, cheio de harmonia, impregnado do divino sentido do infinito...

Tristes pios foram porem as notas desferidas, tão tristes, tão funéreas que até lembravam cantochão em missa de requiem.

Como bom juiz, acha o incipiente

ou vácuo articulista paivo o povo português por haver festejado a paz, e numa linguagem tersa, que um aguadeiro lhe não invejaria, declarando-nos comidos pela Conferência da Paz. Comido terá sido ele... E parece-nos que quem quer lhe podia comer os miolos e ir em seguida comungar, sem que por isso pecasse.

Pela segurança com que compara o nosso brio com o dos selvagens da Nova Caledónia e de Borneo inculca estar familiarizado com eles, conhecer-lhes bem a psicologia. Quem sabe? Talvez pertença à raça deles. Se assim é, puxemos-lhe pelo brico do nariz e digamos-lhe que sim que o povo português andou mal em se regosijar pela paz porque ele exclusivamente o deveria fazer se a vencedora fosse a Alemanha, isto é, se nós estivessemos a ser governados por um príncipe tedesco; e que se o povo português não é mais pundonoroso é porque ainda é muito cristão—a humildade é um dos primeiros deveres do bom católico; se vos esbofetarem dum lado, ofereci o outro, disse Cristo...

Digamos-lhe também que todos os pequenos, na sua expressão, ou sejam todas as pequenas nações (não se vá julgar que se trata dos pequenos dos padres), embora não vissem as suas aspirações totalmente realizadas solenizaram com festas a conclusão da paz; que é preciso ter uma mentalidade muito mesquinha, sentimentos extremamente materialistas, talvez como um autoctone da Nova Caledónia ou Borneo, para não experimentar entusiasmo com a tomada de Quionga só porque daí não nos adveiu, a seu vêr, mais riqueza, mas que a Alemanha nos roubou certamente apenas para nos mostrar a sua amizade...; e que o presidente da nossa delegação à Conferência da Paz é de tal forma um homunculo como qualquer padrea que no momento mais critico para as pequenas nações ele foi o seu leader, falando com êxito em nome de todas, porque elas tivessem naquela assembleia representantes da envergadura de Venizelos etc.

Quanto a Olivença espere-se; até o lavar dos cestos é vindima. Quem nos diz que não no-la restituirá a Liga das Nações, onde tem representação a cavalheiresca Hespanha, que viu com ânimo de Cid Campeador a Alemanha afundar-lhe quantos navios quiz?...

Assegura o fazedor do artigo *Que Parvoice!*, na verdade não é pequena parvoice, que se não tiramos da guerra compensações territoriais, igualmente as não tiramos doutra ordem.

Não é tanto assim, embora seja certo que enorme responsabilidade cabe no modo por que fomos tratados na Conferência da Paz, no empanamento da nossa situação internacional, ao grande morto e aos maus portugueses que o apoiaram, pois que não foi sem consequências que o Estado português atraçou a causa dos aliados, ou, melhor dizendo, nos atraçou ante os aliados, enquanto aquele nos senhoreou. Isto escreveu, e é intuitivo, o sr. presidente de ministros Sá Cardoso.

Olhe homezinho: é da boa filosofia não discutir aquilo que se não conhece, e visto que não conhece o que nos é dado pela nossa intervenção na guerra, melhor faria se não viesse em ares de padre-mestre barato patentear a sua ignorância e má fé. A missão dum jornalista, a obrigação

dum português de origem ou naturalizado... é procurar levantar as energias da raça, é fazer vibrar a fibra (!) patriótica, e não causar a depressão, o abatimento que leva à indiferença senão à repulsa pela nação que é a nossa.

A esta hora toda a gente tem conhecimento de que, apesar de todas as cobiças, a começar pelo Transvaal, os nossos dominios ultramarinos, por cuja conservação principal nos lançamos na guerra, continuam intactos em nosso poder. Portanto, unicamente um espiritual filho de Loidolê pode afirmar ou insinuar que a nossa ida à guerra foi completamente inútil. De resto, no fim da liquidação das contas se verá, conforme as declarações dos srs. dr. Afonso Costa e ministro dos estrangeiros, que mais vantagens obtivemos com a decisão com que corremos nossa defesa e em defesa da civilização latina. E desde que a vitória dos aliados significa o triunfo, a salvação daquela, e simbolicamente o seu facto culminante é a tomada da Bastilha, nenhum dia mais próprio para comemorar a derrota dos impérios centrais que o de 14 de Julho, tanto mais que os dois acontecimentos se completam—são a democracia em marcha.

Opina-se no artigo aludido que a tomada da Bastilha representa o princípio da anarquia na Europa. Isto implica o parecer de que bons governos eram somente os absolutistas. Pelo visto, a Igreja, que assevera não fazer questão de regimes, não está livre da pecha de pactuar com a anarquia...; nem admira poisque, por exemplo, o anarquista Tolstói foi beber as suas doutrinas ao Evangelho, e não só os Padres da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo pregaram o comunismo, como também os fiéis o praticaram. Mas há mais: as ideias da Revolução francesa foram grandemente influenciadas por algumas outras do cristianismo.

Terminemos, que a conversa já vai longa, prestando homenagem à comprovada coragem do ex-kaiser, fugindo para a Holanda... e lembrando que escritores jesuitas há, que são apologistas do assassinato dos reis, que sejam prejudiciais à Ordem deles, e que os jesuitas não duvidaram matar, pela traiçoeira arma do veneno, o papa que no século XVIII, sabendo a sorte que o esperava, não trepidou em extinguir a Companhia de Jesus.

Democrata.

A «Seguradora»

Esteve nesta cidade, onde veio com o fim de regularizar os serviços desta acreditada e importante Companhia de Seguros e Reseguros contra todos os riscos, o sr. António Carvalho, muito digno inspector geral.

A Seguradora, que escolheu para seu representante em Guimarães o nosso presado amigo, sr. Avelino da Silva Guimarães, effectua seguros contra fogo, risco marítimo, postal, cristais, grèves, tumultos populares, etc., etc., usando sempre com a maior correcção e lealdade em todos os seus contratos, sendo prova disso os bons créditos que goza por toda a parte e as simpatias com que são sempre recebidos os seus delegados. Sendo constituída com o capital de Escudos 500.000\$000, tornou

se, desde o seu inicio, credora do favor público não só pelos seus prémios, que são os mais módicos, mas também pela seriedade que preside sempre a todas as suas transacções, quer no Porto, onde é a sua sede, quer na provincia, onde possui os seus representantes, cavalheiros idoneos e de absoluta probidade, como convem sempre a Campanhas desta natureza. Por isso mesmo estão reservadas a esta Companhia as maiores prosperidades e um dilatado e brilhante futuro.

O seu ilustrado inspector geral, sr. António Carvalho, cavalheiro duma alta cultura e provada competencia no ramo de seguros, no breve tempo que se demorou entre nós, conquistou as melhores simpatias pelo seu fino trato e distincção de maneiras, levando a certeza, e com razão, de que a Companhia que assim tam dignamente representa, goza nesta cidade do melhor crédito e conta já grande número de segurados.

Ao sr. António Carvalho, pois, os nossos agradecimentos pela gentileza da sua honrosa visita, e ao seu digno representante nesta cidade as nossas cordeais felicitações.

Conde de Margaride

Com 83 anos, faleceu, no dia 30 de Julho passado, no seu palacete do largo Martins Sarmiento, desta cidade, o sr. Luis Cardoso Martins da Costa Macedo (Conde de Margaride).

Foi um homem de destaque neste meio, um desvelado protector dos pobres e um belo character. A sua morte é bem sentida, porque o illustre extinto era um dos poucos que sabia bem compreender e contemporisar.

O seu funeral, realizado ante-ontem, esteve concorridissimo, assistindo elevado numero de pessoas de todas as categorias sociais, as Ordens de S. Francisco e S. Domingos, Creche, Asilo de Santa Estefania, Colegios do Campo da Feira e da Ordem de S. Francisco e Escola Masculina da mesma Ordem, Associações e Colectividades com as suas bandeiras e Bombeiros Voluntarios, etc.

Foi uma verdadeira manifestação de pesar prestada ao venerando e illustre ancião.

A' Ex.ª Família enlutada os nossos sentimentos de condolências.

Faustino Camelo

Encontra-se entre nós, a passar uns dias nesta cidade, o nosso amigo e correligionario, sr. Faustino Pereira Camelo, distinto sub-inspector de finanças do concelho de Aveiro.

Os nossos cumprimentos.

Descanso semanal

Havendo alguém que tenha dúvidas sobre qual o dia que deve ser destinado ao descanso dos empregados de comércio, por ocasião das próximas feiras francas de S. Gualter, venho esclarecer que, em face do respectivo regulamento, não tenho dúvida alguma: deve ser o domingo, e não a segunda-feira como tem sido nos anos anteriores.

E julgo não estar em erro porque o artigo 32.º do Regulamento do Descanso Semanal diz: «O encerramento dos estabelecimentos comerciais e descanso de seus assalariados deixará de ser ao domingo não só nos casos já previstos neste regulamento, mas ainda nos seguintes.» E depois de 12 números que nada tem para este caso, diz o n.º 13.º: «Na cidade, no primeiro domingo de Agosto, por se realizar a feira anual denominada de S. Gualter, mas só enquanto se realizarem as festas denominadas da cidade.»

Ora não me consta que este ano haja festas da cidade, mas sim feiras francas de S. Gualter.

Sendo assim, estranho que até hoje a Ex.^{ma} Direcção da Associação Comercial não se tenha dignado perguntar á Direcção da Associação de Classe dos Empregados de Comércio se está de acordo em que o descanso seja na segunda-feira, como parece a primeira ter em vista que seja.

E' verdade que ainda hoje é quinta-feira e pode ser que da Associação Comercial ainda desça um officio até á Associação dos Empregados de Comércio; mas também é verdade que a Direcção desta última colectividade não se julga competente, nem o é, para resolver este assunto, tendo portanto de convocar uma assembleia geral, que só no próximo domingo, e das 10 ás 15 horas, se poderia realizar e era preciso que houvesse número de sócios bastante para a mesma assembleia geral se poder constituir.

Eu creio mesmo que a maioria dos empregados de comércio opte pelo descanso na segunda-feira; mas simplesmente o creio e para me certificar só uma assembleia geral era bastante.

Bem sei que, quando este esclarecimento (se me permitem que assim lhe chame) for publicado, já as feiras estarão em meio ou até terão terminado; mas fica já o aviso para o próximo ano de 1920, ficando sem efeito este aviso desde que o mundo acabe este ano, como disse o padre inglês.

Guimarães, 31 | 7 | 19.

M. F. O. C.

Revista de inspecção

O comanlante do Regimento de Infantaria de Reserva n.º 20 faz saber, por edital, as praças licenciadas e as das tropas de reserva pertencentes a todas as armas e serviços, domiciliadas nas freguesias do concelho de Guimarães, que devem comparecer no quartel do R. I. R. n.º 20, nos dias abaixo designados, ás 11 horas, com as respectivos cadernetas militares e os artigos de uniforme, a fim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no regulamento geral do serviço do exercito.

As praças licenciadas e das tropas de reserva de todas as armas

e serviços que, com os referidos artigos e cadernetas militares, se apresentarem na secretaria do Regimento de Infantaria de Reserva n.º 20, em Guimarães, em qualquer dos quinze dias que precedem o fixado para a revista de inspecção, das 11 horas até ás 15, são dispensadas de comparecer no dia marcado.

Comparecem a esta revista todas as praças de reserva com instrução militar que se alistaram no exercito desde o ano de 1901 inclusivá.

As praças referidas que faltarem a esta obrigação especial serão punidas nos termos do citado regulamento.

Setembro, dia 7 — Abação (S. Cristovam, S. Tomé), Airão (S. Maria, S. João Baptista), Aldão, Arosa, Atães, Costa, S. Torcato.

Dia 14 — Balazar, Barco, Briteiros (Santa Leocadia, Santo Estevam, S. Salvador), Creixomil, Moreira de Cónegos, Ronfe.

Dia 21 — Azurem, Brito, Caldas de Vizela (S. João Baptista, S. Miguel), Pinheiro, Vizela (S. Faustino, S. Paio).

Dia 28 — Calvos, Candoso (S. Martinho, S. Tiago), Cast.ões, Conde, Corvite, Guimarães (Santa Maria da Oliveira), Oleiros, Paiazo.

Outubro, dia 12 — D. nim, Fermentões, Figueiredo, Gandarela, Gemeos, Gominhões, Gonça, Guimarães (S. Sebastião), Infantas, Gondar, Guardizela), Matamá, Meão-Prio, Urgezes, Caldeias, Guimarães (S. Paio).

Dia 19 — Infias, Leitões, Lobeira, Longos, Lordelo, Mascarelas, Nespereira, Rendufe, Serzedelo, Gondomar, Prazins (Santa Eufémia, Santo Tirso), Sande (S. Clemente, S. Lourenço, S. Martinho), Vila Nova, Serzedo, Silveiras, Vermil.

Dia 26 — Pencilo, Penteiros, Polvoreira, Ponte, Selho (S. Cristovam, S. Jorge, S. Lourenço), Souto (Santa Maria, S. Salvador), Taboado, Tagilde.

Esse edital não diz respeito ás praças da antiga 2.ª reserva sem nenhuma instrução militar, nem aos licenciados e reservistas pertencentes ás brigadas de caminhos de ferro.

Pelo Exército

Pela última Ordem do Exército foram suspensos do exercicio das suas funções os Sargentos de Infantaria n.º 20 snrs. José de Sousa Amarante, Adriano José de Araujo, Simão da Costa Pacheco, Albano Pereira Bastos, António Maria, Franklin Fernandes Barroso, Vitor da Costa Vaz Vieira, Domingos Clemente de Sousa, Belmiro Mendes de Abreu, Bernardino Pereira Marinho, Francisco de Castro Ferreira Leite, António Salgado, António José Fontão, Arnaldo Gonçalves de Lima, Augusto Serra e Costa, sargento-músico António Maria da Costa e sargento-coronheiro António Mendes.

Foi promovido a tenente o alferes de Infantaria n.º 20 sr. Rafael Gamas, ajudante do Governador do Congo, na Provincia de Angola, a quem enviamos os nossos parabens.

Pela Secretaria da Guerra foram mandados licenciar imediatamente todos os sargentos milicianos que o desejem e bem assim todos os sargentos que sejam funcionários do Estado ou dos Municípios.

Mário Cardoso

Regressou a esta cidade, depois de permanecer durante três anos em Moçambique, onde tomou parte nas operações contra os alemães, o nosso querido e simpático amigo sr. Mário de Vasconcelos Cardoso, illustre capitão de infantaria 20. Abraçamo-lo afectuosamente.

Fuga de presos politicos

Da esquadra policial, onde se encontravam presos, fugiram há dias os snrs. António Joaquim de Azevedo Machado e Gaspar Tomás Peixoto (Lindoso), que haviam sido detidos por ordem das autoridades militares e como implicados nos acontecimentos desta cidade, por ocasião do reino do Porto.

Nossa Senhora d'Ajuda

Realiza-se nos dias 9 e 10 do corrente mês, uma pomposa festividade a Nossa Senhora d'Ajuda, erecta na capela de S. Lazaro, á rua de D. João I, desta cidade.

A Meza, que se propoz festejá-la com o maior luzimento possível, apresenta o seguinte programa:

Dia 9, sábado — Pelas 12 horas, uma salva de morteiros anunciará a festividade. Ás 20 horas, a Nova Filarmónica Vimaranesense dará entrada no arraial principiando em seguida o bazar de prendas. Durante a noite far-se-há ouvir, pela mesma banda, as mais lindas composições musicais, achando-se a rua engalanada e subindo ao ar variado fogo.

Dia 10 — Ás primeiras horas da manhã será a continuação da festa anunciada por uma salva de tiros, percorrendo as ruas da cidade a Nova Filarmónica Vimaranesense.

Ás 8 horas, será benção o novo altar da Santa, mandado fazer pela Nova Meza, e para o qual também muito contribuiram alguns benfeitores e principalmente o ex.^{mo} sr. Francisco da Silva Guimarães.

Ás 11 horas, missa cantada a grande instrumental e, pelas 18 horas, principará a festividade religiosa com sermão por um distinto orador sagrado.

Ás 14 horas, a Nova Filarmónica Vimaranesense dará principio ao bazar de prendas.

Ás 19 horas será feito o sorteio de 2 meias libras em ouro e á noite continuação do arraial o qual se prolongará até altas horas, terminando o festival com variado fogo preso e do ar.

Costuma ser muito concorrida.

Nomeação

Acaba de ser colocado como aspirante de finanças, na Direcção Distrital de Braga, o nosso amigo e correligionário sr. Alberto Virgínio Baptista, a quem, por tal motivo, felicitamos.

Mulher afogada

Num tanque do lugar da Cêrca, da freguesia de Urgezes, deste concelho, appareceu morta a sr.^a Antónia Maria, de 48 anos, casada com Manuel Luis, daquela freguesia.

A infeliz tomou a resolução de morrer de asfixia por submersão, devido a desgostos de caracter monetário, pois entregou um cordão de ouro para enpenharem.

ADELINO LEITE DE FARIA

compra, por altos preços, faianças antigas, sédas, damascos, gravuras, joias, etc. etc.

R. Elias Garcia (antiga de Santa Maria, 55 - GUIMARÃES)

Banco de Seguros

CAPITAL 3000 CONTOS

Rua da Vitória, 75 — Lisboa

Efectua seguros contrato dos os riscos, incluindo greves, assaltos e accidentes de trabalho.

Agencia em Guimarães

Casa Moutinho

Praça Dom Afonso Henriques, 78 a 82

Dr. Sousa Reto

Foi nomeado administrador do visinho concelho de Felgueiras, o sr. dr. José de Sousa Reto, nosso amigo e correligionário, motivo por que o felicitamos.

Consórcios

Realizou-se ontem o do nosso amigo sr. José Maria Felix Pereira, estimado empregado comercial, com a sr.^a D. Emilia de Oliveira, prendada filha do sr. Manuel Gomes dos Santos Oliveira, correspondente do «Comercio do Porto», nesta cidade.

As nossas felicitações.

Por todo este mês deve realizar-se o casamento do nosso bom amigo sr. João de Deus Pereira, digno professor de ensino livre e estimado correspondente desta cidade para «O Primeiro de Janeiro», com a sr. D. Zulmira Pereira de Freitas, filha dedicada do sr. Joaquim Pereira de Freitas Guimarães, desta cidade.

Desde já auguramos aos noivos um futuro cheio de felicidades de que são dignos pelas suas primorosas qualidades.

Obituário

Dr. Leite de Campos

Na vizinha vila de Fafe e freguesia de Medelo, faleceu, no domingo passado, o sr. dr. José Maria Leite de Campos, notário publico e advogado naquella comarca, e velho republicano.

O extinto era cunhado do nosso amigo sr. dr. Francisco Moreira Sampaio, notário nesta cidade.

A' familia em luto os nossos sentimentos.

Conego António Ribeiro

Pelas 4.30 horas de ontem, também faleceu, na sua casa da rua de S. Torcato, da freguesia de Azurem, deste concelho, o nosso amigo sr. Conego António da Silva Ribeiro, de 54 anos, proprietário e professor do Liceu.

Era estimado entre nós.

A' familia apresentamos os nossos pezaimes.

Simão Araujo

Igualmente faleceu, ontem, pelas 11 horas, na rua de D. João I, desta cidade, o sr. Simão Alves de Almeida Araujo, de 69 anos, bibliotecário da Sociedade Martins Sarmento.

Os nossos sentimentos á familia enlutada.

No lugar da Polé, da freguesia de Ronfe, deste concelho, faleceu ainda a sr.^a Rosa Maria Ribeiro, de 55 anos, solteira.

A falecida era irmã do nosso amigo sr. Joaquim Pereira de Abreu, negociante daquela freguesia. Os nossos sentimentos.

GUILHERME DE SOUSA

Gravador e Gravador

Especialidade em pedras finas

Rua da Liberdade, 151 — Guimarães